

O presidente e a liderança do Rio

Marcelo

MÁRCIO FORTES

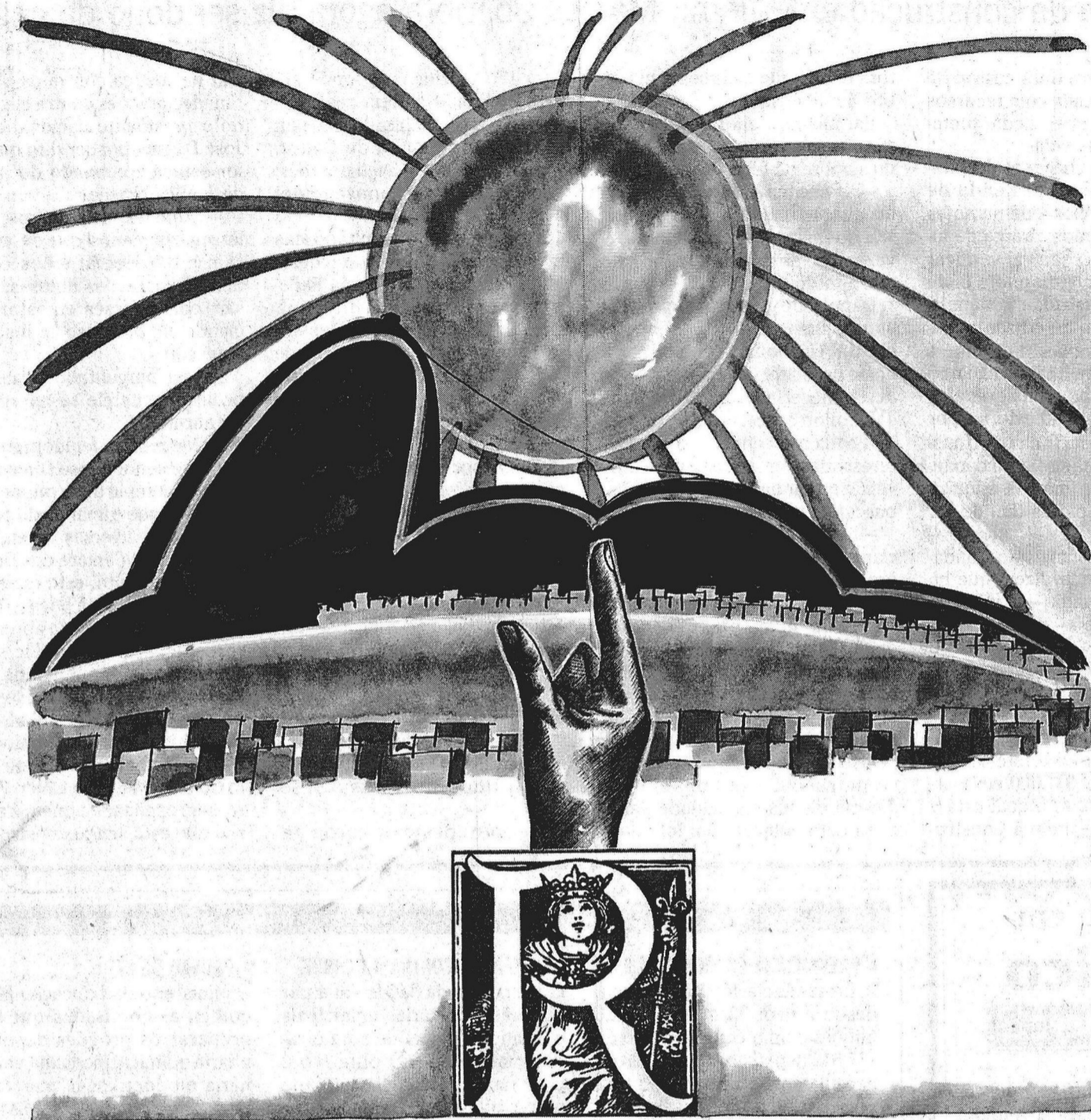
Em janeiro de 1995, recém-empossado, o presidente Fernando Henrique Cardoso tomou conhecimento do Plano Estratégico da cidade do Rio de Janeiro. Um ano depois, em sua primeira visita a Petrópolis, ressaltava que nosso estado não só retomava o caminho do desenvolvimento econômico como recuperava a liderança política, cultural, científica e ambiental do país. A vinda agora do presidente consolida a recuperação definitiva de uma tradição que, mais do que lembrar o conceito de Petrópolis como cidade imperial, evoca o período republicano. A restauração do Palácio Rio Negro, compromisso assumido pela sociedade fluminense há um ano — recordemos que Fernando Henrique Cardoso hospedou-se numa residência particular em sua estada anterior — completa a visibilidade de nosso estado como centro de referência de todos os brasileiros.

Na cidade do Rio de Janeiro, o presidente vem utilizando as dependências do Palácio Laranjeiras. Agora, em Petrópolis, o círculo se fecha. O Palácio Rio Negro está à sua disposição, não apenas este ano, mas para qualquer momento, para eventos que exijam ou não sua permanência, assim como para hospedar dignitários estrangeiros e brasileiros. Como sinal dos novos tempos, a reforma do imóvel foi custeada integralmente pela iniciativa privada, marcando que ações de reconstrução, de retomada do processo de desenvolvimento não são feitas mais apenas com recursos públicos.

De fato, o Estado do Rio de Janeiro, nestes últimos dois anos, elaborou seus conceitos de desenvolvimento, definiu estratégias, alistou projetos e os está colocando em prática de forma metódica. Assim é o caso da indústria naval, que encontra um novo caminho. Continua fabricando e reparando navios, mas abre sua capacidade de produção também para encomendas específicas, algumas na área das plataformas de petróleo. É o caso também de nosso sistema de desenvolvimento científico e tecnológico, com a união das universidades e dos centros de pesquisa em torno de trabalhos comuns. Hoje, articulados pela Secretaria de Ciência e Tecnologia, trocam cadeiras universitárias, informações e resultados de pesquisas numa sinergia construtiva que raramente ocorreu no passado.

A presença do presidente da República em Petrópolis colocou em evidência tudo que existe de mais moderno em termos da posição do Estado do Rio de Janeiro nos novos conceitos de desenvolvimento sustentável para o século XXI, em torno da qualidade e da organização da infra-estrutura. A conferência de Eliezer Batista na cidade serrana entusiasmou os participantes pela modernidade do método de expor e pela atualidade das idéias. Fica claro que é na base de eficientes sistemas de teleinformática, de energia e de transportes, além da adequação de recursos humanos, que o Rio de Janeiro pode emprestar ao Brasil definitivas condições de competitividade para a indústria, para serviços, para exportação e mesmo para seu próprio desenvolvimento.

Os novos balizamentos de distância



econômica, em termos de transportes, complementam-se com a possibilidade das comunicações de dados em tempo real, com segurança e qualidade, através do Teleporto, e com a adoção de métodos informatizados para operação de sistemas de transportes. A introdução, seja na produção, seja na distribuição, seja no transporte de energia, do setor privado, utilizando a nova Lei de Concessões, potencializará a existência do petróleo e gás natural em Campos e das usinas nucleares em Angra dos Reis. O acoplamento dos variados modos de infra-estrutura, o uso da teleinformática para baratear e racionalizar os sistemas de transportes e o esforço do patrimônio de formação científica e tecnológica do Estado do Rio de Janeiro retroalimentam as iniciativas de natureza industrial. Exemplo disso é o Pólo Gás-Químico, que utiliza os componentes químicos do gás natural de Campos como matéria-prima, sem desperdiçá-lo como insumo energético, e gera, através da produção de polipropileno, uma enorme oportunidade para produção de plásticos na Baixada Fluminense. Como também a associação das ferrovias e rodovias privatizadas e modernizadas, em permanente processo de investimentos, levará à necessária redução de estoques em nossa indústria, até porque o custo do capital é hoje um

dos fatores mais críticos da produtividade industrial.

Particularmente, a visita do presidente ao Porto de Sepetiba significou mais do que a entrega da primeira parcela do financiamento do BNDES às Docas do Rio. Marcou também a importância daquela unidade que, na realidade, não será apenas mais um porto — disso não precisaríamos — mas, sim, um novo pólo de intermodalidade de todo o sistema de transportes do Brasil. Mais ainda, da América do Sul, pois sua retro-área atinge até a Bolívia, com toda uma vasta extensão de criação de produção e geração de cargas para que, efetivamente, as distâncias econômicas da América Latina, através de Sepetiba, à África, à Ásia e ao Hemisfério Norte sejam consideravelmente reduzidas pelo barateamento dos sistemas de transportes. O transporte marítimo, por exemplo, em porta-contêineres de grande porte, permitirá ligações diretas, a partir do Rio de Janeiro, do Brasil com o resto do mundo. E aqui será transbordado não apenas para navios que possam fazer cabotagem de modo eficiente e atender também aos outros países latino-americanos, como transferirá cargas para eficientes sistemas ferroviários e rodoviários.

Sepetiba é um exemplo claro. Os recursos públicos na dragagem de ca-

nais, na construção do cais e da plataforma só serão úteis porque a iniciativa privada vai investir em dobro no equipamento, nos sistemas e na operação das cargas. Certamente tudo isso é possível porque estamos no coração do Centro-Sul brasileiro, uma das regiões do mundo que mais se desenvolvem, senão a que mais se desenvolverá agora na virada do século, e cujo esforço para integração competitiva à globalização da economia não se limitará às ações de exportação e importação de mercadorias, mas a toda uma articulação de produção que utilizará, ao máximo, a inteligência, os recursos humanos e os novos sistemas de serviços simultaneamente sendo implantados, como os da teleinformática.

Explicitar esses fatos, ressaltando a localização e a vocação do Rio de Janeiro, é talvez o mais importante resultado de curto prazo da visita do presidente da República a Petrópolis. Como definiu o governador Marcello Alencar, o Rio de Janeiro descobriu-se não mais como capital do país, mas como a cabeça da cadeia federativa, isto é, lugar onde as questões nacionais encontram seu equacionamento e solução.

MÁRCIO FORTES é secretário estadual de Indústria, Comércio e Turismo e deputado federal pelo PSDB do Rio de Janeiro.